

TRABALHO E CONSUMO: UMA REFLEXÃO SOBRE A RELAÇÃO SUJEITO-TRABALHO NA ATUALIDADE

WORK AND CONSUMPTION: A REFLECTION ON THE RELATIONSHIP WORK -SUBJECT IN THE PRESENT

¹FERREIRA, J. B. A.; ²LIMA, D. B.

^{1e2}Departamento de Psicologia – Faculdades Integradas de Ourinhos – FIO/FEMM

RESUMO

Esta pesquisa teve como objetivo, por meio de um estudo bibliográfico, procurar estabelecer uma relação entre a condição da sociedade contemporânea imersa em uma cultura de consumo e os sentidos do trabalho, resultando em uma possível fragilidade dos vínculos trabalhistas. O trabalho possibilita ao indivíduo, além de condições de prover o seu sustento, a inserção no mundo da cultura e da civilização e também lhe permite a construção de uma identidade social. É possível perceber, a partir dos estudos de Antunes, que mudanças sociais, políticas e econômicas sempre acompanharam o mundo do trabalho, e este vem ao longo da história, adquirindo novos sentidos. Bauman enfatiza que consumir é algo que está presente no mundo há muito tempo, em diferentes épocas e sociedades, porém o que se caracteriza na contemporaneidade é uma sociedade pautada prioritariamente no consumo que atingiu importância tal que nele o indivíduo busca uma forma de compensação à difícil realidade do trabalho, procura significações, prazer, bem-estar e também um suporte para a identidade e, esta busca que é impulsionada pela forte presença da mídia encontra no discurso capitalista promessas de completude de sua existência por vias do consumo. Como consequência, o trabalho que outrora foi uma base de construção de uma identidade e subjetividade, atualmente pode ser considerado um suporte para o consumo.

Palavras-chave: Trabalho. Consumo. Vínculo Trabalhista..

ABSTRACT

This research has as objective, through a bibliographic study, try to establish a relationship between the condition of contemporary society submersed in a culture of consumption and the meanings of work, resulting in a possible fragility of labourite bond. The work allows the person, besides conditions of their maintenance, get into the world of culture and civilization and also allows him to development a social identity. It is possible to realize, from Antunes's studies, that social, political and economic changes always followed the world of work, and this comes through history, obtaining new meanings. Bauman emphasizes that consume is something that is present in the world long time ago, in different ages and societies, however which is characterized nowadays is a society based primarily on consumption extended such importance that with it, the person searches a form of compensation to the difficult reality of work, looking for sense, pleasure, comfort and also a support for identity, and this search is stimulated by the strong presence of media, that find in the capitalist discourse promises which accomplish their existence by way of consumption. As a result, the work that was once a base for development an identity and subjectivity, nowadays can be considered support for consumption.

Keywords: Work. Consumption. Labourite Bond.

INTRODUÇÃO

O trabalho confere ao homem uma identidade e lhe possibilita a inserção no mundo social. É através dele que o indivíduo muito mais do que prover o seu sustento, integra-se a sociedade e pode sentir-se pertencente à mesma.

Carregado de sentidos e significados, pois tem um papel fundamental no processo de subjetivação do sujeito, o mundo do trabalho que vem sofrendo

mutações ao longo da história em decorrência de fatores políticos econômicos, entre outros, torna-se complexo e permeado por conflitos.

Na sociedade atual, influenciada pela cultura do consumo e do imediatismo, é evidente que trabalho ou a falta dele adquire novos sentidos. A competitividade exacerbada torna as relações interpessoais superficiais e o trabalho mais dinâmico, flexível, em que os vínculos são frágeis, transformando o trabalho, por si só, em um objeto de consumo.

Diante destes fatores foi possível levantar a seguinte questão: a cultura do consumo e a valorização do ter presentes na sociedade atual influenciam na relação do sujeito com o trabalho?

Nesta direção, esta pesquisa visou buscar uma reflexão do sentido do trabalho na sociedade atual, qual o valor a ele atribuído e, principalmente, sua possível influência no processo de identidade do trabalhador.

O estudo foi realizado, por meio de uma revisão bibliográfica, tendo como base autores da sociologia e psicologia, a fim de problematizar a relação homem-trabalho na sociedade atual, buscando uma conexão entre a cultura do consumo e a fragilidade dos vínculos de trabalho.

1 O CAPITALISMO COMO IMPULSOR DE UM NOVO MODELO DE SOCIEDADE

Conforme Schaefer (2006), na sociedade denominada pré-industrial a terra funcionava como fonte de quase toda a riqueza. A partir da Revolução Industrial esse cenário mudou, pois ela exigiu que houvesse investimentos consideráveis em máquinas, equipamentos e novas invenções. Esses investimentos que partiram dos industriais, banqueiros e outros detentores de grandes somas de dinheiro acabaram por torná-los a força econômica mais poderosa substituindo os donos das terras.

Nesse sentido, o capitalismo configura-se como um sistema econômico no qual os meios de produção estão nas mãos daqueles que detém o capital, os meios de produção, ou seja, de particulares, cujo principal incentivo está na acumulação de lucro.

É inevitável argumentar sobre o sistema capitalista sem referir-se aos conceitos de Karl Marx (1818-1883). De acordo com Schaeffer (2006) Marx foi considerado um revolucionário social e seus argumentos defende a ideia da diferenciação das classes. Tinha preocupação com a estratificação em todos os

tipos de sociedades humanas desde as primitivas até o feudalismo, porém seu foco principal eram os efeitos da desigualdade econômica em todos os seus aspectos. Para Marx a reivindicação da classe trabalhadora seria fundamental para que existisse a luta por mudanças na estrutura de classes da sociedade. (SCHAEFFER, 2006).

Schaeffer (2006) ainda pontua que na visão de Marx as relações sociais em qualquer período da história dependem de quem controla os modos básicos de produção econômica, desde o controle da terra até os meios de produção nas fábricas. No feudalismo, em que predominava a produção agrícola, a terra pertencia à nobreza e os camponeses não tinham escolhas a não ser aceitar as condições e acordos propostos pelos proprietários das terras.

Neste processo duas classes que começaram a emergir já nos sistema feudal: a burguesia e o proletariado. A burguesia ou classe capitalista é detentora dos meios de produção como as fábricas e as máquinas que lhes compõe; e o proletariado é classe trabalhadora.

Marx (2004) defende que a essência do capitalismo está na separação radical do produtor e dos meios de produção, ou seja, expropriar do trabalho um saber-poder que ele exercia quando controlava a temporalidade, quantidade e lucro de sua produção no sistema feudal.

Com o advento das indústrias, há uma relação de dependência em que o trabalhador depende do capitalista, pois os meios de produção estão nas mãos deste, desta forma o capitalista se apropria do saber do trabalhador e o trabalhador se submete a esse contrato, pois nada mais possui a não ser sua força de trabalho.

Nas sociedades capitalistas os burgueses elevam os lucros na concorrência com outras empresas e neste processo são formuladas estratégias para que essa maximização dos lucros permaneça. Para tal, há a exploração da classe trabalhadora que precisam trocar seu trabalho por salários de subsistência. Para Marx existe uma cultura distinta para cada uma dessas classes, seu interesse principal era estudar o proletariado, contudo, examina a ideologia burguesa com a qual essa classe se relaciona justifica seu domínio sobre os trabalhadores.

Acreditava-se que a exploração da classe trabalhadora causaria revolta em seu próprio meio e levaria a destruição do sistema capitalista, mas para que isso acontecesse o proletariado deveria desenvolver a consciência de classe, uma consciência subjetiva que teria como objetivo defender os interesses comuns a toda

a classe proletária e partilhar conceitos acerca da necessidade de uma ação política para concretizar uma mudança social.

Os trabalhadores geralmente desenvolvem o que Marx denominou de falsa consciência. Esta refere-se a uma visão individualista por parte dos membros da classe proletária em relação a exploração capitalista. Como se cada membro se sentisse explorado pelo *seu* patrão, ou seja, ele vê somente sua própria condição de explorado. Já a consciência de classe permitiria ao trabalhador perceber a exploração de toda a classe trabalhadora.

Marx acreditava que a consciência de classe seria parte de um processo coletivo que levaria o proletariado a identificar a burguesia como fonte de sua opressão. (SCHAEFER, 2006).

Dessa forma, avança o crescimento econômico da burguesia avança seu progresso político. O poder burguês torna-se cada vez maior, pois de certa forma foi o responsável pelo rompimento das tradicionais formas de vínculos que prendiam os trabalhadores aos seus ofícios.

Para Marx (2004) é a mais-valia que permite o movimento da acumulação capitalista, pois, do valor total da mercadoria deduz-se o custo da matéria-prima, das máquinas e do salário dos trabalhadores, o restante, essa diferença entre os custos e valor da mercadoria constitui a mais-valia, na qual estão contidos todos os lucros.

Desta forma, como num círculo vicioso, no processo produtivo o capital se transforma em lucro – mais-valia -, a mais-valia em capital e novamente o capital em mais-valia. No entanto, entende-se que quanto menor for o custo da produção, maior será o lucro, então a partir disso pode-se explicar a exploração do trabalhador, já relatada anteriormente.

Oliveira (2006) argumenta que a mais-valia é uma questão fundamental a ser compreendida acerca do trabalho no capitalismo. Nos processos produtivos anteriores ao capitalismo o escravo, o servo de gleba, o artesão são categorias que se confundem com um sistema individualizado de produção de riqueza com mecanismos de compulsão.

O capitalismo então vem para proclamar a liberdade da indústria e do trabalho. Liberdade esta que acaba por mover a competição no mercado de trabalho enriquecendo ainda mais a classe dominante. O trabalhador se vê livre da compulsão feudal, mas a mercê da exploração capitalista determinada pelo mercado e pelo lucro.

Como ainda destaca Oliveira (2006, p. 79):

[...] o proletariado surgido com a grande indústria urbana fica sujeito a todas as vicissitudes da expansão burguesa. O trabalhador torna-se apêndice da máquina e sua capacidade produtiva condiciona-se à noção de lucro, isto é, pelo que o seu trabalho representa na consecução do produto. Estabelece-se o domínio do trabalho pelo capital e a mais valia torna-se marca registrada dessa dominação.

Desta forma, é possível entender que a questão da mais valia é referida como peça fundamental na engrenagem capitalista, pois a exploração do trabalho humano caracteriza maiores lucros e assim o mercado financeiro se movimenta.

Desde que o capitalismo assumiu-se como modelo de economia dominante ocorreram mudanças que refletiram e refletem até hoje no meio social, na política e, principalmente, no mundo do trabalho. Os novos modelos de produção que foram surgindo no decorrer da história não só modificaram os espaços de produção, mas também, influenciaram no modo de vida e subjetividade dos trabalhadores, agentes produtores.

Retondar (2008) menciona o capitalismo avançado, que se orienta em direção a fragmentação do trabalho, ao contrário da sociedade industrial em que as estruturas se davam a partir de uma lógica homogeneizante. O modelo de acumulação flexível pressupõe, em termos objetivos, capacitar à estrutura de produção para, num curto período de tempo, produzir os mais diversos produtos.

Esta diversificação obriga o produtor a não manter estoque, ou seja, produzir produtos diversificados em um tempo relativamente curto, para isso é crucial que o trabalho aplicado nessa produção seja intelectual e altamente versátil, o que contrapõe do trabalho manual especializado e homogeneizado de outrora.

Entende-se que esta fase do capitalismo avançado, a acumulação flexível requer antes de tudo especialização no processo produtivo.

Para Retondar (2008) essa efemeridade dos processos produtivos causa impacto direto sobre a esfera do consumo, pois o modelo de acumulação flexível, aliado as novas tecnologias aplicadas na produção, proporciona a base de um mercado de bens altamente diversificado que visa atenuar cada vez mais a distância entre o produtor e o consumidor. Para o autor, o modelo de acumulação flexível altera as relações entre consumo, cultura e sociedade.

Bauman (2001) discursa sobre o capitalismo pesado e o capitalismo leve. No capitalismo pesado representado pelo modelo de industrialização fordista, no qual o

capital, a administração e trabalho caminham juntos, representados pela fábrica, máquinas pesadas e mão de obra maciça. O importante, neste estágio do capitalismo, era criar estratégias para os trabalhadores se manterem na fábrica, evitando a rotatividade, com vistas ao volume e tamanho.

Quanto o capitalismo em sua fase leve, Bauman (2001, p. 70) compara:

Em seu estágio pesado, o capital estava tão fixado ao solo quanto aos trabalhadores que empregava. Hoje o capital viaja leve, apenas com a bagagem de mão, que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil. Pode saltar em qualquer ponto ou caminho e não precisa demorar em nenhum lugar além do tempo que durar sua satisfação.

Para o autor no referido capitalismo pesado há um discurso de um mundo regido, controlado em que tudo nesse mundo serve para um propósito, tudo é objetivamente calculado e o que não tiver uso ou propósito não tem espaço nele. E, a organização, assim como a própria nomenclatura sugere, representava bem esse estágio do capitalismo, com sua rigidez, controle do tempo e espaço dos trabalhadores e seu trabalho.

Bauman (2001) ainda salienta que todo esse sistema dominante, com a imposição de ordem, com a separação entre projeto e execução, a fábrica representada pelo modelo fordista era considerada um local epistemológico de construção sobre o qual construía toda a visão de mundo do sujeito, tanto que se tornou referência para aqueles que tentavam compreender como a realidade humana operava seja no nível individual como também no social.

No capitalismo leve não há mais a solidez de outrora, com o avanço tecnológico os caminhos são diversificados, flexíveis e transformam cada vez mais o homem e suas relações. Fazendo uma analogia com o mundo do trabalho, no capitalismo leve existem infinitas possibilidades, por vezes inicialmente atraentes, mas sem qualquer consistência.

O que se pretende afirmar é que no capitalismo apesar do papel destinado ao trabalho continuar o mesmo na vida do sujeito, ou seja, ainda exerce um importante fator na construção da identidade e subjetividade. Nas palavras do autor, o trabalho permanece tão imobilizado quanto no passado, mas o lugar que ele imaginava estar fixado perdeu sua solidez de outrora; buscando rochas, as âncoras encontram areia movediça. (BAUMAN, 2001).

Entende-se que na sociedade atual, pautada na cultura do consumo e do imediatismo, em que a satisfação por adquirir algo é efêmera, não demora muito até que venha o desejo em substituir o que já se tem. Pode-se dizer que esses fatores também estão presentes nos vínculos e relações de trabalho.

Schaefer (2006) destaca que a grande mudança ocorrida na transição da sociedade industrial para a sociedade pós-industrial é que elas passam de economias manufatureiras para economias de serviço. Os principais produtos de uma economia pós-industrial são serviços e não bens manufaturados. O autor ainda afirma que mais recentemente, as discussões sobre este aspecto avançaram da sociedade pós-industrial para a sociedade pós-moderna. Esta é uma sociedade apontada como propulsora de novas formas e padrões culturais que consome bens e informações em massa. Nesse sentido fala-se em globalização, que Schaefer (2006) define como a integração em âmbito mundial das políticas governamentais, culturas e movimentos sociais e mercados financeiros por meio do comércio e da troca de ideias.

Entende-se que com a globalização o país é influenciado por acontecimentos ocorridos fora dele impactando de forma direta em aspectos econômicos, culturais, entre outros.

As multinacionais podem exemplificar muito bem neste aspecto, pois são organizações que têm sua sede em um país, mas que por meio de filiais podem negociar com o mundo todo. Essas empresas quando se instalam num país levam consigo a sua cultura e costumes impactando diretamente a cultura local.

Schaefer (2006, p. 58) cita a “McDonaldização da sociedade” fazendo alusão à rede de restaurantes *fast-food* que foi desenvolvida nos Estados Unidos e espalhada no mundo todo, inserindo um pouco da cultura americana no ramo alimentício. Desta forma, com a globalização é possível perceber a intensificação nas semelhanças na expressão cultural entre países.

Alguns observadores defendem que a globalização é uma consequência inevitável do avanço tecnológico, principalmente no que se refere à *internet* e outros meios de comunicação em massa. Entretanto, para outros, os mais críticos, a globalização é um processo que permite as grandes corporações se expandirem e dominarem o mercado mundial. (SCHAEFER, 2006).

O que se pode observar é que a globalização só veio intensificar, modernizar o que começou com as sociedades industriais, ou seja, uma expansão da cultura do

consumo, agora intermediada pelos meios de comunicação em massa, proporcionando maior e mais rápida acessibilidade àquilo que se quer obter.

2 O CONSUMO E A SOCIEDADE

O ato de consumir incentivado por estratégias midiáticas vai adquirindo centralidade na vida do sujeito, de forma que as relações sociais e mesmo as de trabalho passa a ser mediada por questões de consumo mesmo a própria construção da identidade pressupõe um processo de escolhas que é mediado pela atividade de consumo.

De acordo com Retondar (2006), pode-se pensar a esfera contemporânea do consumo como um sistema de comunicação social, em que os produtos e bens são constantemente associados, de maneira cada vez mais flexível, a distintos universos significativos. O ato de consumo transforma-se, num ato de adesão simbólica em que a escolha do objeto torna-se uma escolha estratégica, por meio do qual o consumidor vai continuamente definindo e redefinindo sua identidade.

Outro conceito que se pode abordar é a questão da subjetividade que é muito amplo, contudo pode-se conceituá-lo breve e objetivamente utilizando-se da definição de Bock, Furtado e Teixeira (2002) que observa que o homem deve ser compreendido em sua totalidade, ou seja, como se individual e também pelas suas relações e vínculos sociais. Assim, subjetividade é a forma como o sujeito reflete, sente e age, como se situa no espaço e no tempo e como busca construir sua forma particular de ser.

Pode-se compreender que tanto a história de vida particular e os vínculos sociais que o sujeito estabelece compõe sua subjetividade. É a forma como esse sujeito concebe o mundo de forma própria e singular e produzir subjetividade está relacionado a todo o fenômeno que altera a percepção do sujeito produzindo mudanças psíquicas.

Entende-se que a partir da afirmação de que o consumo passa a constituir a identidade do sujeito, este constitui também o processo de produção de subjetividades. No cenário do mundo contemporâneo, discursos sociais herdados ao longo da história e principalmente a partir da existência do sistema capitalista, atravessam o sujeito e produz nele símbolos, é neste aspecto que a dinâmica do consumo se constitui como uma forma de produção de subjetividade.

Debórd (1997) denomina “sociedade do espetáculo” esse modelo de sociedade construída a partir de pseudonecessidades e pseudovalores que passam a modelar a vida do sujeito, consequências da exagerada valorização da imagem que a mídia impõe e que a não subordinação torna-se algo impensável.

Se a subjetividade e a identidade do sujeito são atravessadas por ideologias impostas pela sociedade em que está inserido, neste sentido o sujeito é “levado” pelo sistema e seus atos, suas relações ficam submissas a este.

Debórd (1997) ainda afirma que a imagem de felicidade que a sociedade apresenta no consumo é efêmera, pois, a realidade fica suspensa até a próxima não completa realização no consumível, ou seja, o que era prestigioso no momento da aquisição torna-se vulgar a partir do momento que possa se trocado por algo “do momento”, recente. O espetáculo então é essa sujeição, essa subordinação frente ao controle social apregoado pela mídia e exercido pela sociedade e que impõe ao sujeito necessidades e valores que não condizem com sua demanda, mas sim com necessidades estrategicamente manipuladas para “suprir” sua busca por realizações.

Neste mesmo sentido, a definição de Baurillard (2011) “sociedade de consumo” pode corroborar com o entendimento sobre a sociedade arraigada no consumo e na abundância. Para o autor, o sujeito já não se encontra mais rodeado por seu semelhante, mas mais por objetos. Todo o arsenal tecnológico presente no cotidiano possibilitando a recepção e a manipulação de bens e mensagens participa da vida do sujeito compartilhando os laços sociais que este tem com o seu semelhante.

Desta forma, percebe-se que mesmo relações interpessoais estabelecidas pelo sujeito na atualidade são contornadas em decorrência de modelo de sociedade, ou seja, a sociedade de consumo. As relações são mediadas por imagens, padrões, necessidades impostos pelas mídias, algo pronto que passa a “servir” ao sujeito e sua visão e concepção do mundo ao seu redor.

Baudrillard (2011) ainda defende que a sociedade de consumo é aquela que consome sempre além do estritamente necessário simplesmente pelo fato de que é no consumo que tanto o indivíduo quanto a sociedade se sentem “existir”. Para o autor, na sociedade de consumo o valor de “ter” atua em detrimento do “ser”.

É pertinente, portanto, citar a colocação que Bauman (2008) faz sobre o consumo e o consumismo. De acordo com o autor o consumo pode ser considerado

algo trivial, é algo que pode ser comparado ao ciclo metabólico humano, é uma condição biológica que acompanha a história da humanidade.

Neste aspecto, entende-se que o ato de consumir acompanha o ser humano no decorrer de sua história e está relacionado, sobretudo à sua sobrevivência. O autor destaca ainda que a atividade de consumir vista desta forma, como algo inerente ao ser humano assim como qualquer outra atividade fisiológica, parece não haver margem para a inventariedade e manipulação.

Porém, o mesmo não acontece com o consumismo, este sim desempenha um caráter manipulador, transformando a dinâmica do modo humano de ser e estar no mundo e atuando como fixador de padrões na vida social e profissional, nas atitudes e nas relações humanas do sujeito.

O autor afirma que o consumismo, ou melhor, a revolução consumista assim como merece ser chamada essa ruptura nos padrões de vida do sujeito, chega quando o consumo assume um papel importante, se não central na vida humana, quando o “desejar” , “querer” e “ansiar por” passou a ser o verdadeiro propósito da sua existência. (BAUMAN, 2008).

Não se pretende com esse trabalho discutir sobre as possíveis questões compulsivas que levam o sujeito a consumir tampouco sobre as consequências dessa compulsão, mas sim trazer argumentações e reflexões sobre a lógica atual do consumo que leva a sociedade a adquirir cada vez mais bens que não dizem respeito às suas reais necessidades, mas também à valorização da imagem, do poder, do ter.

Em relação ao mundo do trabalho, como viu-se anteriormente, e vem sofrendo mudanças significativas ao longo dos tempos desde quando tinha uma conotação negativa e era exercido principalmente pelos escravos, passando pela era burguesa no qual passa a ter um sentido mais valorizado, do feudalismo ao capitalismo quando consolida-se como uma prática na sociedade. Contudo na atualidade, referindo-se à sociedade de consumo o vínculo do sujeito com o trabalho configura-se não tão sólida de outrora.

Com referencia ao trabalho na atualidade, Bauman (2001, p. 169) ressalta:

[...] De acordo com o ultimo calculo, um jovem americano com nível médio de educação espera mudar de emprego 11 vezes durante sua vida de trabalho – e o ritmo e a frequência da mudança deverão continuar crescendo antes que a vida de trabalho dessa geração acabe. “Flexibilidade” é o slogan do dia, e quando aplicado ao mercado de trabalho

augura um fim do “emprego como conhecemos” anunciando em seu lugar o advento do trabalho por contratos de curto prazo, ou sem contratos, posições sem cobertura previdenciária, mas com cláusulas “até nova ordem”. A vida de trabalho está saturada de incertezas.

O que se pretende afirmar é que com os anos a gestão trabalhista organizacional vem sofrendo mudanças sempre influenciadas pelos avanços tecnológicos e também pela economia e as novas relações sociais. Se por um lado o capitalismo permitiu relações mais democráticas em que o controle sobre o trabalhador não se dá tão explicitamente, por outro lado percebe-se que os vínculos entre sujeito e trabalho estão mais fragilizados.

Esta fragilidade nas relações e vínculos de trabalho é uma situação bilateral: o trabalhador vê o trabalho ou muitas vezes o desemprego como um meio para suprir não só suas necessidades básicas, mas também como forma de adquirir algo para além delas. Para isso, o próprio trabalho adquire um caráter de objeto de consumo, que pode ser trocado, por não servir mais, porque há outro que atende melhor às suas conveniências.

Da mesma forma as empresas buscam no “mercado de trabalho” alguém que “sirva” para determinada função e para isso questões como competências, habilidades entram em cena.

Como enfatiza Bauman (2001), não se compra apenas roupas, sapatos, comida, automóveis, imóveis. Existem variedades de consumo, como a busca por exemplos aperfeiçoados, modelos de competência necessários a determinadas áreas, “compra-se” estas habilidades, competências exigidas pelos empregadores, “compra-se” a imagem exigida, aquela que precisa-se passar.

Então, como destaca Casadore (2010) o trabalho atual não mais aparece como centralizador no papel do indivíduo na sociedade nem como um suporte na construção da identidade do mesmo. Hoje o consumo toma para si muito desse “sentido”, pois o sujeito é também aquilo que compra ou pode comprar. Agregando mais valor ao ter do que ao ser.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio dos estudos bibliográficos levantados é possível inferir que o mundo do trabalho que passa ao longo da história por metamorfoses, sofre a influência de uma sociedade regida pela lógica consumista. O trabalho que antes era construtor

da identidade do sujeito passa a ser apoio para o consumo, o que torna os vínculos de trabalho cada vez mais frágeis.

Esta fragilidade pode ser entendida tanto na esfera do trabalhador quanto da organização, ou seja, o trabalho pode significar para o sujeito simplesmente um meio para obter o que deseja, enquanto que para a organização inserida num mercado cada vez mais competitivo, busca no “mercado de trabalho”, um trabalhador cada vez mais “completo”.

Ao psicólogo inserido no contexto organizacional cabe buscar compreender o contexto social na atualidade que, de certa forma, vai influenciar as relações e os vínculos de trabalho.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **A sociedade de consumo**. Reimp. São Paulo: Arte e Comunicação, 2011.
- BAUMAN, Z. **Vida para consumo**: a transformação das pessoas em mercadorias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008
- BAUMAN, Z. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- BOCK, A.M.B; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. L. T. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 13.ed. São Paulo: Saraiva, 2002.
- CASADORE, M. M. O sentido do trabalho na sociedade atual: suporte da identidade ou suporte para o consumo. In: HASHIMOTO, F. (Org.). **Psicologia e trabalho: desafios e perspectivas**. Assis – SP: UNESP, 2010. p. 29-54.
- DÉBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- MARX, K. **A origem do capital**: a acumulação primitiva. São Paulo: Centauro, 2004.
- OLIVEIRA, C. R. **História do trabalho**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2006.
- RETONDAR, A. M. A (re)construção do indivíduo: a sociedade de consumo como "contexto social" de produção de subjetividades. **Soc. estado**. Brasília, v. 23, n. 1, abr. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922008000100006&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 03 set. 2014.
- SCHAEFER, R. T. **Sociologia**. 6. ed. São Paulo: McGraw – Hill, 2006.